



Por uma abordagem multi, complexa, dialética: especificidades do fazer científico na área de Letras

Alexandre Villibor Flory, Hélcio Batista Pereira e Liliam Cristina Marins

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: alexandre_flory@yahoo.com.br

A diversidade de temas, metodologias, materiais de pesquisa e abordagens teóricas que caracteriza a grande área de Letras, representada, na *Acta Scientiarum: Language and Culture*, pelos estudos linguísticos e literários, é um ponto de partida produtivo para se discutir a importância de questões advindas dos mais diferentes contextos nos quais os pesquisadores da linguagem têm se exercitado. As perspectivas que se abrem apresentam olhares predominantemente multissemióticos e multidisciplinares, discutindo não apenas objetos literários e linguísticos com normas dadas, mas o próprio instrumental, seus interesses subjacentes, o enunciado performativo, porém oculto, sob formas supostamente universais, bem como a historicidade dos conceitos utilizados, atuando em nível teórico, crítico, epistemológico e, por vezes, didático.

Ao mesmo tempo em que essa pluralidade é positiva pelo caráter democrático que apresenta, e também pela consciência da limitação de qualquer abordagem literária e/ou linguística de objetos determinados –, há o perigo do nivelamento de um suposto vale-tudo interpretativo que cria seus próprios nichos e contribui com a hiperespecialização que esvazia o debate crítico, por ser afeita ao ímpeto destrutivo da redução das experiências da vida social em campos isolados e supostamente independentes. Negativo, nesse sentido, é a criação de objetos e abordagens críticas e ideológicas que não podem ser questionadas, recaindo numa espécie de impedimento da possibilidade do contraditório. Não há como fugir desse quadro no contexto contemporâneo, até mesmo porque ele está na base de nossa vivência material em meio à crise do capitalismo contemporâneo – econômica, ambiental, cultural, de saúde pública, política, para não estender demais a lista.

Nesse sentido, a mesma pluralidade que nos permite compreender com maior precisão e sensibilidade aguçada os abusos da vida social, ideológica e cultural, pode servir para justificar recortes supostamente autossuficientes, que se fecham em subsistemas que não procuram articulações, ligações, vínculos, numa palavra mais forte, mediações entre os mais diversos lugares críticos. Esse isolamento faz da crítica um mero produto no contexto da mercadorização plena da sociedade contemporânea, tão pouco afeita à buscar alternativas ao status quo dado, com o que, inadvertidamente (ou não), a situação em que vivemos ascende a nível ontológico, universal, ao invés de ser localizado historicamente, por suas contradições constitutivas. A questão não é nova, e pode ser vista com argúcia e profundidade na discussão sobre a indústria cultural, a partir dos frankfurtianos, bem como no pensamento de Walter Benjamin (1986) a respeito da função social da arte no auge do capitalismo. As discussões em torno da necessidade de um fazer científico que lance mão do pensamento complexo, deixando para trás o “paradigma simplificador” em prol de uma abordagem complexa e múltipla, também aparecem na obra de pensadores como Edgar Morin (2015). Elas ainda formam a base das discussões de Bakhtin (1992) a respeito da filosofia da linguagem. A menção específica a esses autores não se constitui como um alinhamento teórico unívoco, mas são antes expressão de questões e debates que colocam a arte como um lugar privilegiado para a discussão e, mesmo, para a ação – haja vista não ser a arte e a linguagem meras reproduzidoras de sentido criados no nível da infraestrutura econômica, mas produtoras de sentido, que operam como base para a ação. Perder esse nível de articulação é, infelizmente, um dos resultados das dinâmicas contemporâneas, em todos os níveis, e as discussões linguísticas e literárias não ficam de fora. Nesse caso, vale o dispositivo dialético para o qual, muitas vezes, é preciso recuar para avançar.

Abordagens plurais nas pesquisas contemporâneas têm mostrado não apenas como os diálogos exógenos estabelecidos com diferentes áreas de conhecimento são profícuos, mas também como saberes já sedimentados e institucionalizados dentro da área podem e devem ser ressignificados a todo o momento. Se compreendermos a pós-modernidade como um movimento de desestabilização dos princípios de um modo

tradicional e positivista de produção do conhecimento, os quais se pautam na fixidez, na regularidade e na objetividade, diferentes epistemologias e formas de se fazer ciência precisam ocupar o palco das pesquisas em Letras. Isso porque, segundo Geertz (2001), a tendência de relacionar a diversidade à superficialidade e a universalidade à profundidade constitui a base daquilo que compreendemos tradicionalmente por “Ciência” – noção que não pode mais se sustentar frente às demandas que ressurgem nos campo das ciências humanas.

É neste cenário de rompimento com as grandes totalizações dentro das ciências humanas, de desconstruções metodológicas, de bricolagem e de experimentação de diferentes instrumentos que este periódico busca construir seu escopo. Ao valorizar diferentes experiências cognitivas, literárias e linguísticas nos artigos publicados, esperamos contribuir para a formação de um pensamento científico pluralista e emancipador, de forma a permitir o entroncamento de reflexões psicológicas, culturais, históricas e sociais associadas ao texto (literário e não literário), à linguagem, ao discurso e aos mais diversificados universos simbólicos.

A partir das considerações acima, é com grande satisfação que apresentamos o volume 41, número 2, de 2019 da *Acta Scientiarum: Language and Culture*, um periódico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, que conta com vinte artigos, sendo dez dos estudos linguísticos e dez dos estudos literários.

Entre os dez artigos que compõem o rol de textos publicados na área de estudos literários, há diálogos multidisciplinares estabelecidos entre literatura e cinema, como em *Idyllic Self in Africa* (2000), by Ken Taylor and in *Boy* (2010), by Taika Waititi: a literary-cinematographic dialogue; entre linguística e literatura, como as discussões propostas em *Língua e ideologia: glossopoesia como estrutura narrativa secundária em Os despossuídos de Le Guin*; entre os estudos feministas e os estudos literários, majoritariamente presentes em *A subversão da personagem feminina em The bloody chamber and other stories*, de Angela Carter e em *Across community barriers: female characters in Vimala Devi's short stories*; e entre a vertente pós-colonial e literária, como as reflexões encontradas em *A noção de dispêndio no contexto pós-colonial: uma análise de um conto de Ben Okri* e *South African censorship: the production & liberation of Waiting for the barbarians*, by J. M Coetzee. Destacamos, de forma especial nos dois últimos entrecruzamentos, o engajamento do periódico na visibilidade dos temas tratados, cuja relevância é política, cultural e social. Outras discussões que merecem realce estão relacionadas ao apagamento das fronteiras geográficas e simbólicas culturalmente construídas entre a literatura produzida no norte global (do lado de lá) e aquela originária do sul global (do lado de cá), como em *Stages of modernity in perspective: Jane Austen's Pride and prejudice and José de Alencar's Senhora* e em *Contribuição para uma história do conto de língua portuguesa em Goa*. O olhar multicultural de *Representaciones de la diferencia y de la aceptación: una lectura comparada de dos libros-álbum portugueses* – um texto escrito em espanhol sobre um gênero literário português e publicado em um período brasileiro – é representativo na busca pela divulgação de pesquisas internacionais originalmente escritas em línguas estrangeiras. Por fim, abordagens metodológicas recentes no nosso campo de conhecimento começam a circular, legitimando a posição individual e coletiva do sujeito que interpreta o mundo em toda sua complexidade e diversidade, como é o caso do artigo *O século XVIII é mais avançado que o XXI: uma experiência de autoetnografia*, que recorre à autoetnografia para trazer uma experiência pessoal do pesquisador sob um olhar teórico-analítico sério e crítico.

Esse editorial, no entanto, não tem o intuito de apresentar os artigos, em sequência, como se fossem produtos na prateleira de um sem-número de abordagens metodológicas e de objetos tão específicos que só falam aos especialistas. Fazer isso seria pactuar com uma concepção que, desde o início deste texto, gostaríamos de problematizar – sem, contudo, ter a pretensão vazia de sequer considerar que poderíamos não fazer parte do problema, estando além das injunções que tocam a todos. Assim, sabendo que o próprio modelo de revistas acadêmicas na área impõe esse resultado, não importa a retórica utilizada, buscamos evidenciar antes as articulações entre os artigos, que deriva da própria escolha destes, e não de outros artigos, pelos editores e pareceristas da revista. Novamente, temos consciência de que a pesquisa e a leitura dos artigos, hoje em dia, se dá a partir de buscas que tornam os artigos independentes das revistas nas quais circulam, e no volume e número que compõe, desarmando o próprio conceito de revista, que pressupõe conjunto. Há três artigos que discutem arte africana entre dez artigos sobre literatura, o que se configura como uma necessária visita (quase dissemos revisitação, mas se nunca foi visitado antes...) para se compreender a arte e a sociedade brasileiras. Não há dúvidas de que, ao colocar a África no contexto da literatura portuguesa, bem como na literatura em inglês, estejamos recolhendo fragmentos esquecidos de

nossa história cultural, política e econômica, procurando dar sentido a eles. Ao fazê-lo, a concepção teórica subjacente é a de que não se estuda literatura sem uma remissão histórica necessária, sobretudo a partir de vozes esquecidas e abafadas na construção de nossa identidade.

Há dois artigos que estudam cinema, mas em nenhum dos casos se trata da análise de filmes específicos, mas de métodos críticos de grande produtividade, que são constitutivamente autorreflexivos, tanto em termos teóricos quanto subjetivos, do nível da construção da subjetividade. Num deles, uma ida ao cinema para assistir a uma ópera no Brasil, não na Europa, com todas as mediações que estão em jogo nesse ato, com a provocação própria da escrita ensaística de que o século XVIII seria mais avançado que o XXI. No outro, um diálogo entre literatura e cinema, que não subordina um ao outro, mas antes busca mediações fundamentais, que se iluminam mutuamente em suas diferenças abissais; em segundo plano, ecoa uma questão metodológica exposta com clareza por Anatol Rosenfeld (1996), no ensaio *Reflexões sobre o romance moderno*. Neste texto, ao buscar relações entre a pintura e o romance no início do século XX, diz que, se toda arte é, em alguma medida, expressão do tempo histórico no qual foi gerada, deve haver homologias formais entre diversos gêneros num mesmo tempo histórico, que abre um vasto campo de estudos. Vê-se, por aqui, que importa não o cinema simplesmente como um gênero artístico, mas também uma remissão à determinadas condições de produção, e a discussões teóricas de grande alcance.

Nos dois artigos que trazem, já no título, uma atenção especial às personagens femininas, a abordagem é muito diversa. Num dos casos, são personagens femininas de uma autora inglesa, Ângela Carter, às voltas com “a resiliência das protagonistas femininas”, autossuficientes, empoderadas, que lutam contra estereótipos patriarcais. Essas personagens se mostram, portanto, como indivíduos estabelecidos, com psicologia bem construída, e que, deste modo, têm como lutar contra a opressão. No outro artigo, sobre uma autora de Goa, o objeto central é a recriação de uma identidade específica de Goa, nos anos 1950, entre as influências de Portugal e da Índia. As personagens femininas, no plural, coletivas, ajudam a dar uma visão nova dessa cultura – a perspectiva é, também, eminentemente historiográfica. Os artigos têm em comum a atenção às personagens femininas, mas cada um está localizado em outro contexto de produção, com outras demandas, inclusive artísticas, e suas abordagens não podem perder de vista esse caráter – de tal modo que os artigos não apenas se aproximam pelo seu recorte específico, mas também perspectivam-se mutuamente, distanciam-se e, assim, tornam-se mais significativos do que lidos isoladamente.

Se o movimento rumo ao múltiplo é, como colocamos anteriormente, facilmente identificado nos estudos literários do volume ao qual nos atemos neste editorial, os estudos linguísticos não mostram um caminho diferente. E não poderia deixar de ser assim, já que a língua é objeto complexo que requer daqueles que se propõem a investigá-la a manipulação de diversos instrumentos, superando as metodologias que recomendavam recortes mutiladores. Já no Século XX muitas são as iniciativas na área dos estudos da linguagem que apostam nessa perspectiva complexa. Apenas para citar algumas propostas que caminharam nessa direção – e conscientes de que cometeremos necessariamente injustiças por não mencionar outras tantas relevantes experiências de fazer científico – gostaríamos de lembrar dos estudos de Labov e da Sociolinguística que correlacionaram os fenômenos sociais aos linguísticos. Mais recentemente, a chamada “terceira onda da sociolinguística” levou esse procedimento às últimas consequências sugerindo que o linguista evitasse tratar as categorias sociais (como “gênero”, “classe”, “etnia”, etc.) como abstrações estáticas e passasse a ter uma postura que fosse capaz de descrever os engajamentos e as práticas sociais envolvidas no uso da linguagem (Eckert, 2005). No âmbito da ciência brasileira, Tarallo & Kato, ainda nos anos 1980, propuseram o “casamento” do gerativismo com a sociolinguística, sustentando teoricamente a construção da chamada “sociolinguística paramétrica” e conciliando a perspectiva formalista com análises que consideravam como relevantes categorias consideradas “externas” à língua. As mais diferentes abordagens funcionalistas vêm realizando estudos bem sucedidos sobre a linguagem justamente explorando a relação entre a pragmática, a semântica e a gramática. No Brasil, uma de suas possibilidades é a chamada abordagem multissistêmica, proposta por Ataliba de Castilho, que concebe a língua como um objeto complexo, composto pelos subsistemas “lexical”, “gramatical”, “semântico” e “discursivo”, ordenados por um dispositivo bipartido (pois é ao mesmo tempo social e cognitivo). Nessa perspectiva a língua é pancrônica, pois é a um só tempo sincrônica e diacrônica, ou seja, conciliando o que antes parecia inconciliável. É preciso lembrar que os estudos em torno (e na esteira) de projetos como o “Para História do Português Brasileiro” colocaram lado a lado linguistas de perspectivas teóricas diversas, para enfrentar o problema da mudança linguística e de formação do Português Brasileiro, sob diferentes olhares. No âmbito

dos estudos discursivos, seja pelos caminhos da AD (Análise do Discurso) ou pela ADC (Análise do Discurso Crítica), o múltiplo é uma exigência, já que o desafio é relacionar a linguagem com questões complexas como o “poder”, “ideologia”, “sujeito”, “prática social”, etc. Por fim, as perspectivas que se atêm sobre o ensino de línguas caminharam na mesma direção, propondo que a linguagem deve ser tratada na escola de maneira “dialógica”, “interacional”, “vinculada aos usos e contextos sociais”, de modo que ensinar e aprender uma língua é muito mais que discorrer sobre o “código linguístico”.

No presente volume, dentre os estudos linguísticos, encontramos muito dessa busca por teorias, metodologias e análises que apostam no múltiplo e no complexo. Dois dos artigos tratam do fenômeno da variação linguística, assumindo abordagens que explicam o uso da linguagem em função de contextos linguísticos e extralinguísticos. Há também um artigo que investiga a utilização nas redes sociais de “crush”, em Inglês, Francês e Português, propondo análise que parte do léxico, mas que avalia questões que ora se inserem na gramática ora na semântica. Há ainda um trabalho que analisa amostras de fala de crianças, prospectando as marcas enunciativas não-convencionais, tema que por si só exige que se opere no cruzamento dos dados linguísticos aos de contexto de uso. A relação entre o linguístico e o contexto social é também a chave para compreensão do artigo que contrasta os editoriais e as cartas de leitor/editor, pois aponta a importância da função social para se estabelecer uma distinção entre esses dois gêneros textuais. O volume apresenta ainda três artigos que se inserem na área do discurso os quais, por princípio, constituem-se como estudos multidisciplinares, movimentando conceitos de diferentes áreas do conhecimento (a Filosofia, a Psicanálise, a Linguística, etc.): um dos artigos se propõe a compreender o corpo e suas representações no contexto de manipulação digital; outro discute o poder em série de televisão circulada em provedor via *streaming* e em enunciados institucionais; e por fim, o terceiro avalia a ação do sujeito odioso em discursos de agressão violenta aos que enunciavam “ele não”. Por último, o leitor pode confirmar a mesma busca de um fazer científico totalizante nos dois artigos que tomam por objeto o ensino-aprendizagem de línguas, um deles concebendo a “análise linguística” por sua dimensão dialógica e recusando-se, por consequência, a concepção reducionista que foca apenas na movimentação de saberes gramaticais e estritamente linguísticos; e outro, investindo na concepção do “entendimento” em aulas de línguas estrangeira não como um “fenômeno geral”, mas como algo que se aproveita dos procedimentos interacionais propostos em sala. Sem qualquer pretensão de esgotar as possibilidades que se abrem pela leitura dos artigos em relação uns aos outros, o que seria, inclusive, um engano e um erro, esperamos que este Editorial contribua com uma leitura menos atomizada e isolada dos artigos, prezando também pela abertura e pela leitura de textos que não sejam instrumento direto para uso imediato – ou seja, não apenas informação, mas também parte de um processo formativo amplo, democrático, afeito às contradições e ao complexo.

Referências

- Adorno, T. W. (2002). *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Bakhtin, M. (Voloshinov) (1991). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Benjamin, W. (1986). *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos* (Willi Bolle, Org.). São Paulo, SP: Cultrix / Edusp.
- Castilho, A. T. (2010). *Nova gramática do português brasileira*. São Paulo, SP: Contexto,.
- Castilho, A. T. (2018). Linguística histórica e a história do português brasileiro. In A. T. Castilho (Coord.), *História do português brasileiro* (Vol. 1). São Paulo, SP: Contexto.
- Eckert, P. (2005). Variation, convention, and social meaning. In *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Recuperado em 6 de abril de 2020, em <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>.
- Geertz, C. (2001). *Nova Luz sobre a antropologia* (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Rosenfeld, A. (1996). Reflexões sobre o romance moderno. In A. Rosenfeld. *Texto/contexto I*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Tarallo, F., & Kato, M. A. (2007). Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, (2), 13-42.